

Lideranças petistas na região defendem Alckmin como vice

Lideranças petistas na região defendem Alckmin como vice

Tom de vereadores e presidentes municipais da sigla no Grande ABC é sobre necessidade de garantir a Democracia

ARTHUR GANDINI
arthurgandini@dgabc.com.br

O ano de 2022 será marcado pelas eleições majoritárias nas quais o presidente Jair Bolsonaro (PL) tenta a reeleição e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) busca retornar ao Palácio do Planalto para afastar o bolsonarismo do poder. Passa por essa disputa a escolha de quem irá compor a chapa petista como candidato a vice-presidente. Uma das apostas da classe política é Geraldo Alckmin, ex-tucano e ex-adversário de Lula. Essa escolha pode ser uma das primeiras decisões de relevância no ano político que se inicia.

Alckmin foi adversário histórico do PT e disputou o segundo turno das eleições presidenciais em 2016 com Lula. O confronto ocorreu em meio ao escândalo do Mensalão e foi marcada por ataques fortes do tucano com base no tema da corrupção. Alckmin concorreu à Presidência da República novamente em 2018 e amargou o quarto lugar, tendo obtido 4,7% dos votos. Perdeu espaço político no PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), o qual deixou em dezembro. Um dos seus destinos possíveis é o PSB (Partido Socialista Brasileiro), no campo da centro-esquerda e próximo ao PT.

A equipe do **Diário** conversou com lideranças petistas nas sete cidades do Grande ABC para ouvir a posição de cada um em relação à escolha de Alckmin. A grande maioria é a favor ou deixa a possibilidade em aberto. O discurso é de que a defesa da democracia está acima de diferenças políticas.



ANA NICE. Vereadora ficou surpresa com possibilidade de aliança



JOSA QUEIROZ. Petista defende 'brigada' contra Jair Bolsonaro



WAGNER LIMA. Vereador afirma que democracia é a prioridade

Em São Caetano e Rio Grande da Serra, onde não há vereadores pela sigla, foram ouvidos os presidentes municipais

do partido. Em Santo André, o vereador Wagner Lima afirma ser favorável ao desenho político. "O momento que enfrenta-

mos com esse governo (federal), de retrocesso, é de priorizar a democracia. Acho que é válida a chapa", defende.

O vereador petista Eduardo Leite, que pretende deixar o partido, afirma que não tem participado do debate interno da sigla. Um dos seus destinos possíveis é o PSB, no qual pode ter Alckmin como correligionário. Ele opina em favor da chapa. "Eu estou de saída do PT, mas se fosse consultado diria que a defesa do Estado Democrático de Direito está acima das diferenças", opina.

Em Diadema, Josa Queiroz segue o mesmo tom. "Particularmente, defendo a ideia de que todo campo democrático deve se juntar em uma grande brigada", opina o vereador e presidente da Câmara Municipal. "Tem muita discussão para acontecer ainda. Discussões que tem a ver com a escolha de qual partido que o Alckmin pode ir", pondera.

Já Geovane Corrêa, vereador de Mauá, ressalta a importância do programa que será apresentado pelo partido nas eleições. "Dentro de um projeto onde as políticas sociais sejam preservadas, tem meu apoio", defende.

ESTRATÉGIA

São Caetano é a única cidade onde lideranças ouvidas se posicionaram contra a aliança. João Moraes, integrante da executiva da sigla no município e candidato a prefeito nas últimas eleições, vê o desenho político como uma estratégia ruim. "Acredito que o PT tem mais a perder do que ganhar. Nós assistimos este filme anteriormente na composição Dilma/Temer, e vimos no que deu", reclama, em relação ao impeachment sofrido em 2016 pela então presidente Dilma Rousseff (PT).

Há lideranças que não se posicionaram contrárias à composição, mas deixaram o caminho em aberto. É o caso de Ana Nice, vereadora de São Bernardo. "O presidente Lula é um cara do diálogo. Não posso negar que recebemos a notícia dessa possibilidade com surpresa. Caso isso ocorra, o PT não irá abrir mão do seu programa", garantiu.

André Cabelo, presidente da sigla em Rio Grande da Serra, diz que o PT local ainda não fez essa discussão interna, "Mas acredito que haverá outros nomes para serem discutidos, e dessa forma sairá o melhor nome, que pode ser o próprio Alckmin", afirmou.

Escolha do ex-tucano envolve disputa interna

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é pré-candidato à Presidência da República neste ano. Em declarações públicas, tem se mostrado aberto a ter Geraldo Alckmin (sem partido) como o outro nome da chapa. A ideia é agregar votos na direita e centro-direita. A escolha do seu vice passa por um forte debate dentro do partido. Isso porque o PT é um partido de correntes. Grupos disputam o poder

dentro da sigla e, por meio de eleições internas, formam a sua direção. A corrente majoritária da sigla é a CNB (Construindo Novo Brasil), da qual Lula faz parte.

Há correntes dentro da sigla que se posicionam contrárias à aliança com o ex-governador Geraldo Alckmin. É o caso da AE (Articulação de Esquerda), que publicou resolução no dia 21 de dezembro com críticas ao desenho planejado. "Setores do

PT e da esquerda brasileira defendem realizar uma aliança de primeiro turno com setores golpistas e neoliberais. O símbolo visível desta aliança seria entregar a candidatura à vice-presidência ao sempre tucano Geraldo Alckmin. O que não revela é o preço programático de uma eventual aliança", criticou texto divulgado.

Para Kleber Carrilho, professor de comunicação política da ECA (Escola de Comuni-

cações e Artes) da USP (Universidade de São Paulo), o hegemonismo de Lula e o seu protagonismo político estão acima das correntes. Na prática, o partido pode ter pouco poder de decisão. "Fica muito claro pelas afirmações do ex-presidente Lula que esta é uma campanha dele. Isso quer dizer que ele vai medir tudo isso, mas, no final das contas, vai decidir a partir do arco de alianças que acredita que seja fundamental". **AG**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Página:** 3